

VELLOSO, Leonardo Meliani. **Um Maravilhoso Imaginário: Cartografia e literatura na baixa Idade Média e no Renascimento**. 1 ed. Jundiaí, São Paulo, Paco editorial, 2017.

*Gelson Teodoro De Souza Junior e Thiago Casavechia De Assis<sup>1</sup>*

No livro **Um Maravilhoso Imaginário**, o historiador Leonardo Meliani Velloso nos faz embarcar numa viagem para conhecer o imaginário dos povos que viveram no medievo.

O livro é organizado em 4 capítulos, subdividido em partes. Na primeira, intitulada **Literatura de Viagens**, temos a “subdivisão” - *Relatos de viagem e livros de cartografia*, que reflete a respeito do conceito de literatura de viagem. Segundo o texto, este é um gênero literário específico sobre viagens, textos, cartas e romances como a *Ilíada* e *Odisséia*, de Homero, que contém espaços geográficos específicos como parte fundamental de seu entendimento. Esse modelo de relato influenciou e formou a base para o imaginário dos habitantes da Europa, Ásia e África.

Na outra, *Relatos de Viagem*, é tratado a importância dessas andanças para o homem da época. Seja por guerra, peregrinação religiosa ou como um mercador, era comum que homens andassem por distâncias enormes, e isso levou ao aumento da procura por conhecimentos geográficos. Os livros gerados a partir dessas viagens, quando escritos por pessoas comuns, enquadram somente o cenário dessas viagens em si, enquanto os que eram escritos pelos sábios, religiosos e eruditos, eram considerados obras relacionadas à geografia. O autor também destaca o valor da escrita numa sociedade oral, visto que aqueles que tinham seus livros eram tratados como “Autoridade”.

No *Livro de Maravilhas*, somos introduzidos à discussão dos termos maravilhoso e fantástico. Para nós, maravilhoso é aquilo que nos fascina, que conseguimos encontrar uma resposta, enquanto o fantástico, também fascinante, não possui uma resposta lógica, como o significado de bruxas e animais do folclore ou de mitologias. No medievo não havia essas diferenciações, por isso os *Livros de maravilhas* contavam histórias fantásticas que os escritores escutavam em suas viagens, como o reino de Preste João ou os “animais” acéfalos. O autor também fala que, com o passar do tempo e com o aumento da desconfiança, esses textos deixaram de ser reconhecidos como fontes, mas que em dias atuais, por conta da redefinição do conceito de fontes, são usados com bastante frequência.

No segundo capítulo denominado **Cartografia**, tomamos conhecimento dessa arte apresentada como uma das mais antigas e encontrada até mesmo em pinturas rupestres. Na sequência, há uma discussão sobre a importância da cartografia para a humanidade,

<sup>1</sup> Resenha elaborada pelos graduandos do terceiro ano de História do Centro Universitário Sagrado Coração sob a orientação da Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup>. Lourdes M. G. C. Feitosa.

assim como os problemas e graças dessa arte. O mapa não é idêntico ao mundo, ele é o reflexo de cada época e de cada sociedade; o mapa é um símbolo receptáculo do imaginário. O autor enfatiza que os mapas medievais eram apresentados com representações bíblicas e limitavam-se ao ecúmeno. Ainda ressalta a importância da cartografia para a questão do poder, visto que conhecer o terreno, a geografia do lugar, significava ter vantagem sobre outras nações. Portanto, a cartografia é abordada como indispensável ao longo da história.

Na subdivisão seguinte, *Uma pequena história da cartografia*, Velloso continua a tratar das tradições da cartografia, dividindo as produções de mapas dessa época em três áreas. A primeira é aquela que envolve os diagramas circulares, bíblicos, famosos na Alta Idade Média. Um exemplo é o de estilo TÔ, representando cada continente como sendo de cada um dos filhos de Noé e Jerusalém no centro e voltada para Leste, onde estaria o paraíso. O segundo envolvia produções com maiores detalhes, situando-se entre os séculos IX e XII. Distanciava-se da geografia conhecida, mas ainda tinha muitos dos traços maravilhosos e abordava temáticas cristãs, apesar de que, mesmo em meio a esse padrão, ainda aparecessem aqueles com temáticas mais árabe. Por último, no final do século XII começaram a surgir os mapas marinhos, resultados dos relatos dos viajantes e dos dados coletados. Eram mapas mais “geográficos”, com medidas e tamanhos que facilitavam o manuseio e eram condizentes com as costas dos continentes. Eram usados como base para navegação de cabotagem e, com o auxílio dos instrumentos de navegação, revolucionaram o modo de viajar. O autor ainda trata do primeiro globo terrestre chamado *erdapfel* já em 1492, criado pelo alemão Martin Behain. O modo religioso e maravilhoso de produção de mapas chegou ao fim com as anotações de Ptolomeu e o mapa de Mercador, que levaram ao fim definitivo da cartografia com referências bíblicas.

Na terceira parte, *Imaginário e Representação*, o autor começa com uma discussão sobre aquilo que, dentro do modelo maravilhoso, trazia terror aos medievos. O imaginário seria aquilo que o homem personificava em sua mente acerca de determinado tópico, ou seja, poderia ser fascinante ou não. Nesse ponto, ele apresenta o medo terrível que os marinheiros e europeus tinham do mar, vendo-o como um portal para as criaturas mais terríveis do mundo. Pelo mar é que teria vindo a peste negra, pelo mar chegavam guerreiros para tomar as terras, pelo mar vinha o demônio. Além disso, no mar habitavam os monstros, os mais terríveis e perversos que podiam imaginar. Nesse ponto, Velloso apresenta quais culturas e no que cada uma delas influenciou a construção do imaginário medieval. Tais culturas seriam, no caso, a Greco-Romana, a Germânica-Escandinava, a Galego-Bretã e a Judaico-Cristã.

A primeira, a Greco-Romana, é a clássica, que lhes apresentou as histórias sobre heróis, como os escritores Homero, Hesíodo, Heródoto e Virgílio. A próxima, Germano-Escandinava, embora trate de dois grupos próximos cultural e religiosamente, possuía uma diferença fundamental visto que a escandinava mantinha maior afinidade com os

mares, ao ponto de, como dito no texto, chegar na América antes mesmos que os espanhóis. Já os germânicos conservavam um sentimento maior de similaridade com a terra. A Galego-Bretã, envolvendo os celtas e os gauleses, possuíam uma cultura voltada para o fantástico e contribuía com as histórias sobre fadas e monstros, mas também com exemplos de fábulas sobre batalhas, como nos casos de Carlos Magno e suas batalhas contra os Mouros, que eram representados como figuras monstruosas (VELLOSO,2017) na região compreendida pela atual França. Isso é demonstrado nas canções francesas escritas no decorrer da idade média como, por exemplo, a *Gesto du roy*, que gira em torno de Carlos Magno e seus cavaleiros (VELLOSO, 2017, p.80).

A Judaico-Cristã, em particular os textos do antigo testamento, trouxe influência nos mapas, como dito antes dos TO, e abordava histórias sobre gigantes bem como sobre os milagres feitos por Cristo. Todas essas culturas influenciaram na construção de um imaginário medieval para os europeus. Os grupos orientais, que envolviam os árabes e asiáticos, não teriam grande influência cultural sobre o imaginário europeu, segundo Velloso, mas, de todo modo, os seus territórios eram reconhecidos como limites do mundo e lugares habitados pelos monstros.

Do mesmo modo que Le Goff, em *Imaginário Medieval*, o autor também escreve um compilado com monstros, povos e maravilhas construídos com a noção do fantástico. Em sequência, apresentaremos, de forma resumida, informações sobre cada um desses monstros, e esclarecendo como se modelou o seu entendimento na atualidade.

Começamos com os gigantes. Esses seres fantásticos são presença constante em basicamente todas as culturas, seja nórdica ou cristã. Uma das imagens fantasiosas era a de homens que possuíam particularidades. Encontrados em ilhas espalhadas pelo mundo, eles eram humanos com um só pé, ou orelhas gigantes, ou acéfalos, que não tinham cabeça, mas apresentavam uma boca em forma de ferradura no peito e tinham seus olhos nos ombros.

Também os animais fantásticos compunham esse imaginário, dando atenção à fênix, presente em diversas culturas como uma criatura de penas vermelhas que ressurgue das próprias cinzas. Outras criaturas imaginadas teriam resultado da mistura de distintos animais reais, citados com o termo *Mischwesen*, palavra alemã que significa literalmente mistura, o que permite a inclusão de inúmeras criaturas que entram nessa categoria, como o Grifo (uma mescla de leão e águia), a Quimera (um ser com uma cabeça de leão e uma de cabra, cuja cauda era uma serpente), o Monoceros (que era um ser com corpo de cavalo, cabeça de cervo, patas de elefante e cauda de javali), a Manticora (um monstro com corpo de leão, asas de dragão, cauda de escorpião e rosto humano) e o Cocatrice (com corpo de réptil e cabeça e pés de galo). Os Dragões eram outra constante presentes em todas as culturas, tendo como detalhe em comum sua ganância pelo ouro. Um fato engraçado a se notar é que em algumas lendas eles eram inimigos de elefantes. Fora isso, é preciso ressaltar sua presença também como um elemento marinho, associado à enor-

mes serpentes presentes em diferentes culturas. No caso da cultura cristã, na passagem do Apocalipse, tal figura também representava o próprio Diabo.

Na sequência de suas descrições, Velloso parte para os seres metade humano e metade animais, como o minotauro, o centauro e a sereia, sendo essa última interpretada de duas formas distintas, uma voltada à figura das harpias, com corpo de mulher e asas de águia, e a outra similar à figura clássica de sereia, com corpo de mulher e rabo de peixe. Ele trata também dos cinocéfalos, que eram humanos que tinham a cabeça de cachorro. Nessa parte ressalta a cultura egípcia, na qual a maioria dos deuses possuía imagens antropomórficas como Anúbis e Hapi.

Cita as árvores com frutos maravilhosos, que podiam ser plantas que serviam de fonte infinita de alimento, ou o caso da árvore do fruto proibido da Bíblia. Também é tratado dos próprios contos europeus que tiveram influência no continente, sem a influência do exterior. O autor ainda discorre sobre os lugares fantásticos, como o reino das amazonas, mulheres guerreiras que eram mercenárias e possuíam um governo totalmente feminino, assim como Atlântida, uma cidade consumida pela fúria do deus dos mares, Poseidon. Destaca o reino de Preste João, que foi buscado até o século XVI, principalmente por Portugal. Esse reino era utópico, com boas terras, inúmeras riquezas e um exército grandioso. Por fim, são apresentadas as ilhas fantásticas, como a de São Brandão, onde os rebanhos prosperavam e as terras eram boas. Essas ilhas ficariam no extremo oriente, ou talvez nas partes “novas”, como a América.

No último capítulo, **O sentido do fantástico**, Velloso volta para as fontes primárias para que possamos entender a representação no imaginário (VELLOSO, 2017) e a perspectiva dos europeus acerca do “outro”, além de destacar como cada um podia ter diversas diferenças. O primeiro ponto é o de entender o outro como totalmente oposto àquilo que eles tinham por certo; já o segundo ponto trataria da comparação que eles fazem de si mesmos. O primeiro livro indicado como exemplo é *As viagens de Jean De Mandeville*, dividido em três partes: Homens e mulheres, animais e plantas e os cenários. Velloso mostra a construção do imaginário e do oposto, mesmo comparando esse título com o outro livro de referência: o *Livro Del Conocimiento*.

Em *As viagens de Jean de Mandeville*, através da análise de Velloso, o que chama a atenção é o cuidado que o escritor (Mandeville) tem a cada tema apresentado. Em *Homens e Mulheres*, Velloso disserta muito sobre a religião dos povos que Mandeville visitou, como o islamismo e os Hindus. Trata também da aparência de cada povo, seja os humanos tidos como “tradicionais” ou os “maravilhosos”, e ainda descreve os costumes de cada um. Mandeville, segundo Velloso, também dá atenção ao estranhamento que essas culturas trazem aos europeus, mas sempre respeitando suas religiões, conforme mais próximas eram dos costumes cristãos. Uma exceção eram os Judeus, visto que o autor os chama de “sem lar” e conta de dez comunidades que estavam presas em uma região montanhosa pelo próprio Deus. Fala também sobre os países que visitou, como a Etiópia,

com suas particularidades, e a Índia que, embora não seguisse o cristianismo, foi muito bem falada, pois seguia corretamente os ensinamentos de sua religião. Também disserta sobre os povos, realçando a importância do Reino de Cã, que era o maior e o mais rico reino conhecido.

Na segunda parte, Velloso fala sobre os *animais e as plantas* presentes nos livros. Deixa claro o costume dos escritores medievais de realizar comparações com os animais, já comuns em suas vidas cotidianas quando desenvolvem descrições para os animais fantásticos. Em relação às plantas, menciona árvores que davam tudo menos fruto. Eram pés de galinha assada ou do mais puro mel.

Na última parte, *Cenários*, Velloso continua a mostrar a relação que *Mandeville* criou entre o povo e a terra que ocupavam. Enfatiza que a terra descrita como ruim e, por consequência, também o era o povo que ali vivia. Portanto, seria normal para os que viviam em desertos ou em terras não produtivas serem os que mais se diferenciavam, distanciando-se dos europeus, diferente daqueles que viviam em terras de bonança, tidos como bons e dispostos a partilhar, vendo-os como mais “próximos”. Assim termina a análise da obra de Jean de Mandeville.

No *Livro del conocimiento*, Velloso aborda a diferença entre este e o anterior, e como este tinha bem menos descrições de lugares que o primeiro. Em *homens e mulheres*, foca nos costumes e na religião de cada povo que ouviu ou viu, enfatizando as particularidades físicas de cada um. Em *animais e plantas* ele quase não fala, mas nos *cenários* descritos há um foco maior, sempre seguindo uma fórmula de apresentação: nome do país ou reino, três cidades importantes, rios e lagos e o brasão do líder. Diferente de *Mandeville*, o autor do livro não faz relação do povo com o lugar.

Na sequência, segue uma breve discussão sobre o dilema de Colombo no qual os “outros” eram enquadrados entre igual e diferente, negativo ou positivo. Aqui ele fala que, quanto mais distantes, religiosa e fisicamente, maior seria o julgamento negativo dado a respeito de determinado povo.

No final do livro, o autor ressalta a importância da história, da cartografia e da literatura de viagem e esclarece como elas marcaram e criaram o pensamento medieval europeu em volta de alguns temas. A história cabe ao historiador.

A leitura da obra é tranquila e a linguagem usada é de fácil compreensão. Esse texto traz em detalhes um assunto que envolve a imaginação daqueles que o leem. A fluidez da escrita torna todo o momento de aprendizagem melhor. O texto é rico em detalhes e contribui para uma discussão em volta do imaginário e como isso molda a percepção sobre o fantástico até os dias atuais.